

## Passado, Presente e Futuro

### *Past, Present and Future*

**Francisco Azevedo**

Em primeiro lugar, gostaria de dar os parabéns à Revista de Medicina Interna e agradecer ao nosso Editor-Chefe pela iniciativa de procurar que os Serviços de Medicina Interna se apresentem, sob a forma de um artigo de opinião.

Não podia falar do Hospital do Espírito Santo de Évora (HESE), onde exerço a minha actividade há 39 anos, e da Medicina Interna em particular, sem começar por deixar 2 linhas sobre Évora. Classificada pela UNESCO Património da Humanidade, Évora é uma referência incontornável para quem vem ao Alentejo motivado pelo interesse histórico, gastronómico e cultural, ocupando um justo lugar de relevo em qualquer itinerário turístico.

### **Origens do Hospital Real do Espírito Santo**

“Nos fins do séc. XV existiam na cidade de Évora, pelo menos, doze pequenos hospitais, também chamados albergarias ou hospícios, destinados a recolher os romeiros, os pobres, os peregrinos e os enfermos, entre os quais: Hospital de S. João de Jerusalém, o mais antigo, fundado por um grupo de «homens bons», com a ajuda de D. Afonso Henriques, situado entre as Ruas dos Mercadores, Moeda e Alconchel; o Hospital do Corpo de Deus da Sé, junto à Catedral; o Hospital de Santo Antonino ou Santo Antão, junto à igreja de Santo Antão; o Hospital de S. Bartolomeu, fora da Porta de Aviz; o Hospital de S. Gião ou S. Julião, cuja localização se ignora; o Hospital de S. João, junto à muralha e perto da Porta de Moura; o Hospital do Salvador, na Rua das Fontes, anexado ao Hospital de Jerusalém”.<sup>1</sup>

Há mais de quinhentos anos que o Hospital de Évora serve a população do Alentejo. Ao longo de cinco séculos este Hospital Central passou por diversas evoluções e teve várias designações: Hospital Real, Hospital do Espírito Santo, Hospital da Misericórdia e, após o 25 de Abril de 1974, Hospital Civil e Hospital Distrital de Évora. Em 1996 retomou o nome Hospital do Espírito Santo, sendo Entidade Pública Empresarial (EPE) desde 2007. No ano seguinte, o HESE-EPE foi classificado como Hospital Central (Portaria nº117/2008).<sup>2</sup>

### **O Hospital no século XXI**

O HESE-EPE tem uma área de influência directa de 162.512 habitantes, correspondente ao Alentejo Central, e indirecta de 334.575 habitantes, correspondentes ao Alto Alentejo, Baixo Alentejo e Alentejo Litoral.

Tem uma capacidade de 316 camas, distribuídas por 3 edifícios distintos:

1. Um detipoconvencional, com mais de 500 anos, em que funcionam os Serviços Administrativos e de Apoio, o Serviço de Medicina Física e de Reabilitação e o Ambulatório do Departamento de Psiquiatria e Saúde Mental;
2. Um outro acoplado ao anterior, inaugurado em 1975, onde funciona a maioria dos serviços de Internamento, os meios complementares de diagnóstico, a Urgência, o Bloco Operatório, a Cirurgia de Ambulatório e a Unidade de Convalescência;
3. O edifício do Patrocínio, separado dos anteriores por Estrada Nacional que liga o Baixo Alentejo e o Alto Alentejo (EN18), onde funcionam os Internamentos das Medicinas, Psiquiatria, Imunohemoterapia, Neurologia, Informática, Serviço Social e Gabinete do Utente, as Consultas Externas, Unidade de Radioterapia, Oncologia, o Serviço de Gestão de Doentes e o Arquivo.

### **A Medicina Interna no Hospital ES Évora**

A Medicina Interna, englobada no Departamento de Medicina, tem um total de 60 camas, distribuídas por 2 Serviços com 30 camas cada. Cada Serviço tem um director e 8 médicos (3 assistentes graduados e 5 assistentes), 6 médicos internos de Medicina, 2 médicos internos de outras especialidades e médicos internos do ano comum em número variável, 25 enfermeiros, 11 assistentes operacionais e 1 secretária clínica.

Apesar das boas instalações no edifício do Patrocínio, a separação física do edifício principal, onde estão instaladas algumas Unidades de que necessitamos, nomeadamente na área da Imagiologia, como tomografia computadorizada (TC) e ressonância magnética (RM), condiciona limitações logísticas e de gestão.

Nos últimos anos, foi possível reequipar o Serviço com camas eléctricas, 11 monitores com avaliação multiparâmetros e telemetria para 6 camas conectadas à sala de trabalho de enfermagem. Proporcionando uma monitorização mais apertada, estes meios permitem-nos identificar e corrigir precocemente algumas situações de descompensação, com inquestionáveis benefícios em termos de morbilidade e mortalidade, particularmente nos períodos de menor vigilância. Dispomos, também, de um ecógrafo portátil, permitindo a execução do exame à cabeceira do doente e fornecendo informação de grande utilidade no esclarecimento de muitas situações clínicas e execução mais segura de técnicas de diagnóstico, dispomos, ainda, de capacidade própria para ventilação não invasiva. No seu conjunto, estes recursos contribuíram para tornar o internamento mais qualificado e seguro, oferecendo, na prática, o nível de cuidados de uma Unidade Intermédia.

Acoplado aos Serviços de Medicina, temos, ainda, o Laboratório de Ultrasons Cardiovascular e Neurovascular (LUSCAN), com capacidade para realização de vários exames ecográficos – ecocardiogramas transtorácico e transesofágico, *triplex scan* cervical, ecodoppler transcraniano, monitorização de micro-êmbolos cerebrais, ecodoppler arterial e venoso dos membros, entre outros – e o Laboratório para estudos do Sono, este sob a responsabilidade da Pneumologia.

Em termos de parâmetros assistenciais, em 2015 tivemos 2670 altas, com uma demora média de 8 dias, taxa de ocupação de 98% e fizemos 10 mil consultas, 30% das quais primeiras consultas. Para além de Medicina Interna, são realizadas consultas temáticas em áreas como: diabetes, doenças autoimunes, tiróide, VIH, AVC e nutrição.

No nosso Hospital, como na generalidade dos hospitais, a Medicina Interna é uma especialidade decisiva no funcionamento do Serviço de Urgência, os chefes de equipa são internistas e também o são o corpo clínico base no funcionamento da VMER, das Unidades de Cuidados Intensivos, de Doenças Vasculares Cerebrais e de Convalescença.

A consultadoria diária a todas as Unidades confirma o papel decisivo que esta especialidade tem na vida do Hospital e que não deve nem pode ser apenas reactivo para as situações de descompensação, mas, sobretudo, procurando evitá-las.

A formação constitui, também, uma área de grande importância na vida das Unidades de Medicina Interna: no ensino pré-graduado, em colaboração com a Faculdade de Medicina da Universidade Clássica de Lisboa, na formação de alunos no 6º ano do curso; e, no ensino pós-graduado, acompanhando os Internos do Ano Comum no início da sua prática clínica, na ligação aos doentes e doenças, e na formação mais profunda e exigente dos Internos de Formação Específica. Assim, para além do trabalho clínico diário, decorrem vários momentos formativos, nomeadamente reuniões semanais para discussão dos doentes internados (visita semanal), apresentação de temas da Medicina Interna, *Journal Club*, destinados aos médicos das UF de Medicina, e também, com periodicidade quinzenal, com a participação de todo o Departamento.

Apesar do intenso trabalho assistencial descrito, tem assumido relevância crescente a actividade científica, tanto sob a forma de artigos científicos publicados em revistas de especialidade, como na participação em congressos com apresentação de posters e comunicações orais.

## O futuro da Medicina Interna no contexto hospitalar

Nos últimos 30 anos, o conhecimento médico deu um salto exponencial extraordinário, tanto na investigação básica como na clínica, fruto do desenvolvimento técnico ímpar posto ao seu serviço e da partilha desse conhecimento numa era de globalização. Algumas especialidades rechearam-se de meios, de tal modo que se tem vindo a assistir a uma medicina cada vez mais subespecializada, técnica e procedimental, coma invasão do nosso corpo para o diagnóstico e o tratamento. Os doentes começaram

a “levar os seus órgãos” às consultas médicas e a receberem tratamentos muito diferenciados. Perdeu-se a visão abrangente do doente. E é a Medicina Interna que se encontra idealmente posicionada para dar resposta a este problema. Identificam-se, no entanto, alguns desafios que nos devem fazer reflectir, sendo central assumir o papel de gestores da equipa que acompanha o doente e não assumir os doentes como as “sobras” das outras especialidades.

Para que tal aconteça, é necessário continuar a apostar numa formação cada vez mais exigente e alargada, uma recertificação periódica e uma organização forte da especialidade, dando-nos a conhecer aos utentes e mostrando aos responsáveis que a Medicina Interna não pode ser uma especialidade que se esgota em contratos para a urgência, antes concretizando-se, em várias valências de importância central na vida hospitalar. ■

*Conflitos de interesse: Sem conflitos neste trabalho*

*Fontes de Financiamento: Não existiram fontes de financiamento*

*Correspondência: diasazevedo@gmail.com*

*Diretor Serviço Medicina I – Hospital Espírito Santo - Évora*

## Bibliografia

1. Actas do Congresso comemorativo do V Centenário da Fundação do Hospital Real do Espírito Santo de Évora.
2. Relatório Gestão 2014.